

Lá fora não se crê em cassandras

O Fundo Monetário Internacional (FMI) apresentou, na quinta-feira, estudo para elogiar a melhoria na estrutura da dívida externa brasileira a partir da redução da vulnerabilidade da economia do Brasil. O elogio foi extensivo ao México e à Venezuela. É importante sinal institucional de confiança externa no País. Já o sinal bem mais real dessa confiança veio, no mesmo dia, do próprio mercado: duas empresas brasileiras fecharam captação de bônus perpétuos — sem vencimento final — no exterior. A Gerdau levantou US\$ 600 milhões, enquanto a Construtora Norberto Odebrecht obteve outros US\$ 200 milhões.

Apenas na semana passada emissores brasileiros levantaram US\$ 1,4 bilhão em eurobônus. A demanda pelos títulos alcançou surpreendentes US\$ 5,6 bilhões, a maior parte oriunda de pessoas físicas da Ásia, à procura de rendimentos mais compensadores. Desde janeiro, empresas e bancos brasileiros já captaram US\$ 3 bilhões. Esse grau de confiança construiu ânimo tão forte no mercado externo que fez o risco-País alcançar na sexta-feira 372 pontos, seu menor nível desde outubro de 1997.

A confiança nos papéis brasileiros está de tal forma consolidada que o Tesouro Nacional anunciou a concessão de mandato para os bancos JP Morgan e a Goldman Sachs para coordenarem a “possível emissão” de US\$ 500 milhões em títulos públicos em reais no exterior. É a primeira emissão de títulos da dívida ex-

Empresas captam US\$ 1,4 bilhão em eurobônus, Tesouro prepara emissão soberana de US\$ 500 milhões, com o menor risco-País desde 1997

terna em moeda nacional. Bancos brasileiros já realizaram esse tipo de operação, mas no governo é a primeira vez.

Empresas brasileiras identificaram, desde o início deste ano, essa confiança e saíram em busca de dinheiro mais barato. A Odebrecht lançou inicialmente US\$ 150 milhões, propondo taxa de 9,875% ao ano, mas, como a demanda superou o previsto, acabou captando US\$ 200 milhões, com taxa de 9,625% ao ano. A empresa reconheceu que a taxa paga era bem inferior ao custo de capital. A mesma com-

paração em relação ao custo de capital fez a Gerdau ampliar a captação. Em vez de pagar 15% ao ano como custo de capital, a companhia captou a 8,875% ao ano nos eurobônus perpétuos.

Nas duas empresas os recursos captados devem reforçar balanço e sustentar ambiciosos planos de investimento. Já para o governo, a emissão pretende melhorar o perfil de pagamentos futuros e reduzir a exposição de risco cambial. O Tesouro Nacional festejou a possível emissão porque, nessa operação, o risco de desvalorização cambial é do investidor, que receberá seus recursos em reais para conversão pela taxa de câmbio da época.

O Brasil tem aproveitado de forma bastante conveniente a alta liquidez do mercado internacional. Desde janeiro, empresas e bancos já captaram mais de US\$ 3 bilhões em bônus perpétuos, que só podem ser resgatados a partir do quinto ano.

Desde que haja confiança, o negócio é promissor, porque o rendimento é bem maior que o do título de vencimento em cinco anos não-perpétuo. Nesta semana, 46% desses papéis foram vendidos na Ásia, 32% na Europa, 20% nos EUA, porém só 2% para investidores brasileiros.

Desde os lançamentos pioneiros para captação em real do Banco Votorantim e do Banco do Brasil, em dezembro do ano passado, analistas observavam que faltava uma emissão soberana do governo para estimular novas iniciativas privadas. Agora não falta mais e, portanto, não é difícil antecipar que outras empresas, até de menor porte, devem captar recursos externos, bem mais baratos, para sustentar planos de crescimento.

Esse conjunto de sinais externos indica que o “PIB potencial” brasileiro não precisaria estar acovardado nos eternos 3,5% de crescimento anual. Os investidores externos confiam na economia brasileira bem mais que os “donos” do futuro que manipulam o “manche” da taxa de juros básica. Apesar de a demanda por títulos brasileiros lá fora ser bem maior que a oferta, as cassandras internas não param de destilar seus medos e não perdem oportunidade de tentar derrubar os padrões de confiança. É pena. Em especial em uma sociedade como a brasileira, que tanto precisa de mais renda e mais emprego.